

# *Ethos Mundial* e Nova Criação: um debate necessário para a salvaguarda do planeta Terra

*Ethos World* and New Creation: a necessary  
debate to safeguard the planet Earth

*Ethos mundial* y la nueva creación: un debate  
necesario para salvaguardar el planeta Tierra

Moisés Abdon Coppe

## RESUMO

Este artigo estabelece uma discussão entre a proposta de *ethos mundial* segundo a teoria de Leonardo Boff e a teologia da Nova Criação em John Wesley. A preocupação que norteia o artigo refere-se ao cuidado com o meio ambiente, com a ecologia e com a nossa “casa” comum, o planeta Terra. Evidencia também a abordagem wesleyana a respeito do sinergismo e do amor humilde, para, enfim, expressar a necessidade de cuidar do planeta com responsabilidade.

**Palavras-chave:** Ethos; nova criação; teologia; ecologia; sinergismo; cuidado.

## ABSTRACT

This article seeks to establish a discussion between the proposed of *ethos world* according to the theory of Leonardo Boff and theology of the New Creation in John Wesley. The concern that guides the article refers to the care of the environment, with ecology and with our “house” in common planet Earth. It also highlights the Wesleyan approach considering the idea of synergy and humble love, or in other terms, to express the need to care for the planet with responsibility.

**Keywords:** Ethos; new creation; theology; ecology; synergism; care.

## RESUMEN

En este artículo se busca establecer un diálogo entre la propuesta del *ethos mundial*, según la teoría de Leonardo Boff y la teología de la Nueva Creación en John Wesley. La preocupación que guía el artículo se refiere al cuidado del medio ambiente, la ecología y con nuestra “casa” común, el planeta Tierra. También destaca el enfoque Wesleyan de respetar la sinergia y amor humilde, para finalmente expresar la necesidad de cuidar del planeta con responsabilidad.

**Palabras clave:** Ethos; nueva creación; teología; ecología; sinergia; cuidado.

## Introdução

O mundo ao redor de nós é o poderoso volume onde Deus se revelou. As línguas e os caracteres humanos são diferentes em diferentes nações.

Os de uma nação não são compreendidos pelo restante. Mas o livro da natureza foi escrito em caracteres universais, que todas as pessoas podem ler em sua própria língua. Ele não consiste de palavras, mas de coisas que retratam as perfeições divinas.

*John Wesley*

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida.

São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano é primariamente ser mais, e não ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções incluídas.

*Leonardo Boff*

O objetivo deste artigo é compreender a relação entre a noção de *ethos mundial* segundo Leonardo Boff e a Teologia da Nova Criação em Wesley. Objetiva, num segundo momento, apresentar as complexidades sociais presentes no mundo atual que desafiam a dimensão cuidadora com o planeta Terra. Neste sentido, pergunta-se:

1. Os/as cristãos/cristãs devem preocupar-se com o meio ambiente e a ecologia ou somente com a perspectiva escatológica dos seres etéreos?
2. Por que os/as cristãos/cristãs devem comprometer-se com o cuidado do planeta?
3. Como os/as cristãos/cristãs podem contribuir com ações expressivas que favoreçam a mudança de paradigmas em relação à degeneração do planeta?

As reflexões a partir de Boff remetem-nos a pensar objetivamente sobre a urgência de uma nova possibilidade de vida no planeta “Gaia”. Definiremos o conceito de *ethos* para estabelecer um diálogo com a Teologia da Nova Criação em Wesley. Intentamos essa sensível aproximação pelo prisma da teologia latino-americana. Apresentaremos algumas constatações sobre a doutrina da Nova Criação em diálogo com a teoria do sinergismo, enquadrada em uma dimensão de amor humilde e responsabilidade cuidadora com o planeta. Esperamos que, ao final do artigo, as contribuições aqui sugeridas se apresentem como referenciais para o bom entendimento desta doutrina importante para o pensamento wesleyano e provoquem novas pesquisas a respeito do tema.

## **1. Conceito de “*Ethos Mundial*” em Leonardo Boff e sua aproximação com a Teologia Wesleyana**

Leonardo Boff, atualmente, destaca-se na América Latina pelas suas reflexões sobre a ecologia e a responsabilidade do ser humano em cuidar do planeta. Sobre esse aspecto, ele escreveu um livro intitulado *Ethos*

*Mundial* – um consenso mínimo entre os humanos (BOFF, 2002). Na obra, o autor indica de forma heterogênea e interdisciplinar, suas preocupações, fundadas na leitura dos sinais reais de esgotamento que o planeta Terra apresenta. A pergunta basilar de Boff é: “Como garantir um consenso mínimo entre todos para que possam conviver em paz e em solidariedade?” (BOFF, 2002, p. 9). Tal pergunta motiva uma reflexão mais aprofundada sobre a possibilidade utópica de um *ethos mundial*. O próprio Boff alerta que seu objetivo é fundamentar uma “ética planetária”, evidenciada pela urgência em se abordar três problemas distintos: a crise social, a crise do sistema de trabalho e a crise ecológica, todas de dimensões planetárias (BOFF, 2002, p. 9).

Embora reconheçamos a suma importância dos três problemas citados, o objeto de pesquisa em voga dar-se-á na abordagem da crise ecológica, oriunda da busca desenfreada pela riqueza. A conquista capitalista, inevitável no contexto político atual, gera essa inconstância geológica no planeta. O fenômeno da globalização, seguindo a mesma lógica capitalista, é ainda um fenômeno marcado pela socialização de insumos e bens. A necessária globalização “ecocêntrica”, apontada por Boff é prenunciada. Como ele mesmo considera:

A partir dessas imbricações, nos damos conta de que tudo depende da salvaguarda da Terra e da manutenção das condições de sua vida e reprodução. Nenhum outro projeto tem sentido, pois lhe falta a precondição fundamental, exatamente a sobrevivência da Terra e dos filhos e filhas da Terra. A consciência desta nova percepção está ainda longe de ser coletivamente partilhada (BOFF, 2002, p. 21).

Ora, consiste grande desafio discutir os pormenores dessa importante questão ecocêntrica, mesmo porque não há alternativa. Ou os dirigentes estatais se organizam em uma parceria global visando à salvação do planeta, ou as condições de sobrevivência tangenciarão a guerra, a insanidade e o caos, segundo a lógica “o mais forte manda mais”. Não é necessário afirmar que o conflito será militar. É por isso que, para a **realidade global** explícita aos sentidos, importa uma **ética global**.

### 1.1. Conceituando Ethos

*Ethos* é um termo grego que dá origem à palavra ética. Há duas formulações básicas para *ethos*: uma escrita com  $\epsilon$  – eta – e outra com  $E$  – épsilon. Boff define:

*Ethos* com e pequeno significa a morada, o abrigo permanente, seja dos animais (estábulo), seja dos seres humanos (casa). No âmbito na Mãe-Natureza (chamada de physis, filosoficamente, e Gaia, miticamente), o ser humano de-

limita uma porção dela e aí constrói para si uma morada (BOFF, 2002, p. 21).

Essa morada não é dada pela natureza, mas estruturada e organizada pelo ser humano. É nesse espaço construído que o ser humano se sente bem em relação ao mundo, seguro e protegido. Mas esse espaço continua aberto a novas possibilidades e mudanças. Ele não está pronto, tampouco acabado. Boff afirma que “o centro de *ethos* (moradia) é o bem (Platão), pois somente ele permite que alcancemos nosso fim, que consiste em sentirmo-nos bem em casa” (BOFF, 2002, p. 28-29).

Já *ethos*, escrito com *epsilon*, significa costumes ou o conjunto de valores e de hábitos consagrados pela tradição cultural de um povo. Se a primeira designação de *ethos* tangencia a concepção platônica, a segunda aponta-se na filosofia aristotélica que aponta o centro de *ethos* como a felicidade (BOFF, 2002, p. 29). De qualquer forma, vale afirmar que ambas as definições estão intrinsecamente relacionadas.

Mas apesar dessas conceituações preliminares, é preciso considerar que a natureza universal de *ethos* dificulta sua plena definição. De fato, a constituição de uma ética global não pode ser somente marcada pela imposição de aspectos morais subjetivos. É preciso ir além. Segundo Boff,

O *ethos* configura a atitude de responsabilidade e de cuidado com a vida, com a convivência societária, com a preservação da Terra, com cada um dos seres nela existentes e com a identificação de um derradeiro sentido de universo. Esse *ethos* básico se traduz em morais ligadas ao regional e ao cultural e, por isso, com validade limitada ao regional e ao cultural (BOFF, 2002, p. 21).

É por isso que a demanda agora é por um *ethos* “adequado ao novo patamar da história, que é global e planetário” (BOFF, 2002, p. 21). Boff aponta que esse novo *ethos* precisa ser marcado por uma nova sensibilidade, ou seja – um *pathos* (BOFF, 2002, p. 21).

O projeto **profético-utópico** de Boff é o clamor por uma nova possibilidade global ante a ameaça sofrida pela Terra. Tal possibilidade passa não somente por uma abordagem do *logos* subjetivado, fruto da modernidade, mas principalmente por um *logos* universal.

Assim, na nova cosmologia, a natureza é muito mais do que a natura dos medievais e a natureza dos modernos. Estamos mais próximos ao conceito de *physis* dos gregos. Para nós, hoje, a natureza é o conjunto articulado de todas as energias cósmicas em processo de materialização ou desmaterialização; são as infindas probabilidades, irrompendo do vácuo quântico, abertas à concretização; é a complexidade da matéria sempre em interação; é a vida em sua unidade e diversidade de manifestações como processo de auto-organização (poiesis) da matéria; é o próprio *logos* universal e cósmico se expressando na história e produzindo cultura, significações e processos de espiritualização. A natureza, na compreensão contemporânea, possui subjeti-

vidade e espiritualidade. O acesso a ela não se faz apenas pelo logos e pela razão instrumental-analítica. Seria muito insuficiente. Faz-se principalmente pelo pathos (estrutura da sensibilidade), pelo cuidado, pelo Eros (estrutura do desejo), pela intuição, pelo simbólico e sacramental (BOFF, 2002, p. 36).

Embora a sensibilidade cosmológica evidente na concepção de Boff, observa-se que justamente neste ponto se pode estabelecer uma aproximação com a teologia wesleyana. Ora, o que se vê na argumentação de Boff é a perspectiva de um cuidado sensitivo do humano com o *physis* em uma perspectiva *pericóretica*.<sup>1</sup> Uma confissão de fé com base na trindade de Deus aponta a noção de pericórese. E essa noção dá-nos a impressão que toda e qualquer abordagem relacional do ser humano com a natureza busca, de antemão, tratá-la a partir da pericórese.

Embora Boff não aplique em seu texto o conceito de pericórese, ele fica evidente na seguinte argumentação:

O ser humano possui um lugar singular. Ele desempenha uma dupla função. Por um lado, está dentro, é parte da natureza, inserido no imenso processo de evolução natural e cibiótica. Por outro, está de frente, é um vis-à-vis à natureza. Por sua consciência e por seu saber técnico, intervém nela, fazendo-se seu plasmador. Nem por isso deixa de ser parte da biosfera e geologicamente um objeto bem concreto. O ser humano é sempre parte da natureza e um interventor da natureza. A relação ser humano-natureza é dialética, quer dizer, ambos se encontram indissolivelmente intrincados um no outro, de tal forma que o destino de um se transforma no destino do outro (BOFF, 2002, p. 37).

### 1.2. A noção de *ethos* mundial e sua aproximação com a teologia wesleyana

Em que sentido as considerações de Boff se aproximam da teologia de John Wesley? Para responder esta pergunta, torna-se necessário evidenciar que a doutrina da salvação em Wesley possui uma dimensão social. Pode-se até, de forma ousada, afirmar que possui uma dimensão ecológica, pluralizada pelas ações humanas. É necessário muito cuidado com tal afirmação, pois o termo ecologia é recente em relação a Wesley. Data de 1866 e foi cunhado pelo biólogo alemão Ernst Haeckel (CASTRO, 1996, p. 80). Desta forma, não há a mínima possibilidade de rotulá-lo como ecologista. Sobre essa argumentação, Souza afirma:

---

<sup>1</sup> Cf. Suzin (1991, p. 49). João Damasceno, que foi um dos pais da Igreja, cunhou essa expressiva palavra para desenvolver a reflexão a respeito da teologia trinitária. A palavra *pericórese* inicialmente definia o movimento das brincadeiras de roda das crianças. Nas referidas brincadeiras, as crianças formavam um todo – a roda – e ao mesmo tempo afirmavam a alteridade. Em Damasceno, *pericórese* é a comunhão e unidade de alteridades. Um está para o outro, como o outro, no outro, sem anular a absoluta alteridade e diferença do outro.

Situar Wesley entre os ecologistas é, realmente, um anacronismo. O século XVIII foi uma típica fase de transição. Durante esse período, a produção doméstica de bens coexistiu com indústrias modernas. Nenhum dos dramáticos problemas que hoje nos afligem causou preocupação para os cidadãos da época. Portanto, “a ecologia não estava na ordem do dia nos tempos de Wesley” (SOUZA, 2003, p. 69).

Por que abordar a estrutura de sua teologia com esse problema moderno? Tal questão coloca-nos na perspectiva atual que valoriza a releitura, recriação ou ressignificação de respostas de reflexões teóricas clássicas para problemas atuais mediante ampliações argumentativas. Nesse processo, a teologia wesleyana se enquadra perfeitamente, pois é teologia no caminho e continua a se desenvolver na práxis histórica.

No Sermão 64, intitulado “*A Nova Criação*”, Wesley aponta diversas perspectivas que favorecem a possível aproximação dialética sinalizada. Ele escreve aos cristãos nominais sem poder, mas também a todos que “em certa medida temem a Deus e se dedicam a operar com justiça”. (WESLEY, 2006, Sermão 64, § 1).

Com base no texto de Apocalipse 21.5, Wesley critica os estudiosos que interpretam o texto em perspectiva passada ou presente. Sua abordagem possui uma dimensão escatológica. Isso fica evidente quando afirma: “Porque o alcance dessa profecia se estende mais além. Não acaba com o fim deste mundo presente, mas nos mostra as coisas que sucederão quando este mundo não mais existir” (WESLEY, 2006, Sermão 64, § 4).

A partir dessa afirmação, o pastor anglicano elabora toda uma interpretação marcada pela restauração do mundo. É claro que a sua abordagem tem a ver com os conhecimentos próprios de sua época, entretanto são bastante vanguardistas. A sua perspectiva escatológica orienta-se para a restauração do paraíso, ou, melhor dizendo, o retorno ao paraíso, ao estado original de todas as coisas.

Embora Wesley fale a respeito das mudanças que ocorrerão no ar e na água, é justamente na Terra que ele se detém um pouco mais. Com uma abordagem, em tom poético, ele enfatiza em que nível acontecerão as mudanças na Terra. Toda a elaboração do seu Sermão fica resumida à seguinte consideração:

Aquele que está assentado no trono logo mudará o rosto de todas as coisas, e dará prova demonstrativa a suas criaturas de que sua misericórdia está com todas as suas obras. Este horrível estado de coisas do presente logo chegará ao fim. Na nova terra, nenhuma criatura matará, machucará ou fará sofrer outra. O escorpião não terá uma picada venenosa, tampouco a serpente terá veneno em seus dentes. O leão não terá garras para despedaçar o cordeiro, nem dentes para triturar sua carne e seus ossos. Nenhuma criatura, nenhuma besta, ave ou peixe sentirá a necessidade de ferir outra. A

crudelidade haverá desaparecido, e as condutas selvagens e violentas serão esquecidas. Não se escutará a respeito da violência, nem se verá desgaste ou destruição sobre a face da terra (WESLEY, 2006, Sermão 64, § 17).

Observe que a abordagem de Wesley é carregada de uma sensibilidade esperançosa, mas é na apoteose de seu Sermão que perdura sua mais legítima crença na salvação integral:

Porém, o mais glorioso em tudo isso será a transformação experimentada pelos seres humanos, pobres e miseráveis pecadores. Estes gozavam, em muitos aspectos, de uma posição privilegiada, mas caíram e chegaram à posição mais baixa que qualquer outro ser criado. Mas eles ouvirão uma grande voz do céu que lhes dirá: “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, e ele morará com eles; e eles serão seu povo, e Deus mesmo estará com eles como seu Deus”. A partir desse fato, surgirá um estado de total santidade e felicidade, muito superior ao que desfrutou Adão no paraíso (WESLEY, 2006, Sermão 64, § 18).

Não podemos entender as palavras de Wesley somente em uma concepção espiritualizada, mesmo porque se referem a uma transformação da Terra. A figuração do paraíso é a que mantém toda a escatologia de Wesley em um movimento empírico. Não se trata de uma utopia metafísica, mas realizável. Não por intentos humanos, mas por pura misericórdia de Deus. Vemos aqui que Wesley – em seu diálogo com os pilares da Reforma – mantém sua teologia centrada na iniciativa de Deus em recuperar a sua criação. Destoa, entretanto, de Boff. Enquanto este aposta em um consenso entre a humanidade visando um futuro promissor, marcado pela ética e pela justiça, aquele vê a coroação da justiça como fruto de uma dinâmica sinérgica,<sup>2</sup> o que significa que a Graça não exclui, mas exige a participação responsável do ser humano. De um lado o clamor humano, do outro a misericórdia graciosa de Deus. Na mesma direção, Runyon destaca:

Uma nova criação! Do ponto de vista de Wesley, isso é *sine qua non*. Para que a humanidade se torne diferente do que é hoje, em suas tentativas ávidas e gananciosas de produzir a própria segurança, são necessários recursos transcendentais, parceria e participação no Espírito divino; a sinergia (funcionamento em conjunto), que é uma parceria na qual o Criador instrui, infunde e inspira a criatura com aquele objetivo original da existência

---

<sup>2</sup> Míguez Bonino afirma que para um bom entendimento da teologia wesleyana, é necessário assumir a reflexão a respeito do sinergismo. Segundo ele, onde o sinergismo é negado, a consequência é a banalização da “ação histórica pela justiça e paz” (apud RUNYON, 2002, p. 34, nota de rodapé). A ideia de sinergismo é a de um funcionamento em conjunto. No caso da teologia, é a participação do ser humano na ação de Deus, bem como a participação divina na história humana.

humana. Não há futuro humano sem essa aliança com o “Criador e Pai de todo ser vivo” (RUNYON, 2002, p. 34-35).

Por enquanto, cabe ainda concluir com Wesley:

Como não haverá mais a morte, nem dor ou enfermidade que a preceda; como não haverá mais sofrimento ou separação dos nossos amigos, tampouco existirá a tristeza e o choro. Porém, haverá uma libertação maior ainda: o pecado não mais existirá. E coroando tudo, uma profunda, íntima e permanente comunhão com Deus, e uma constante comunhão com o Pai e seu filho Jesus Cristo, mediante o Espírito (WESLEY, 2006, Sermão 64, § 18).

O que se percebe tanto em Wesley quanto em Boff é a real emergência de um novo tempo. Enquanto Boff é mais político em seu apontamento, Wesley é mais centrado em uma perspectiva escatológica que não deixa, em última instância, de apresentar aspectos políticos, mediante a sinergia. Em um aspecto, ambos concordam: é urgente um mundo liberto de todo peso do pecado e da injustiça. E essa libertação precisa ser realmente ampla. Não somente antropocêntrica, mas integral, afinal de contas, na linguagem paulina:

A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus. Entregue ao poder do nada – não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu –, a criação abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus. Sabemos que a criação toda geme e sofre dores de parto até agora. E não somente ela, mas também nós, que possuímos os primeiros frutos do Espírito, gememos no íntimo, esperando a adoção, a libertação do nosso corpo (ARA, Rm 8.19-23).

Em suma, a criação assim como a humanidade, em especial os pobres e desvalidos, aguardam a libertação em seus amplos sentidos. Libertação essa marcada pelo sentido de justiça. Tal resgate é urgente – o clamor pela Nova Criação.

### *1.3. Cuidando do planeta Terra*

O planeta está gemendo. Nas últimas três décadas, aguçou-se a preocupação com a preservação da vida em todos os continentes, que já vinha existindo, porém, desde os tempos bíblicos, como se vê nas muitas referências históricas e bíblicas em relação ao cuidado com a criação.

Não se pode perder de vista a ideia wesleyana de que, na Igreja e por meio da ação de Deus nela, são retomadas as esperanças de renovação do agir de Deus em favor das pessoas e da vida. É nesse contexto, carregado de esperanças, que a salvação integral se fortalece. A busca



por um *ethos* mundial, centrado na fé em Cristo e no estabelecimento de uma experiência relacional com Deus, é um fim último. Nesse estágio, a humanidade não se veria como “proprietária do mundo” para explorá-lo de forma dominadora e indiscriminada, mas atuaria como zelosa administradora de tudo, em conformidade com o Criador. Em outras palavras, seria mordoma e parceira, com a responsabilidade de cooperar com Deus no cuidado com a criação (SILVA, 2004, p. 91). É preciso concordar com Wesley e propugnar pela urgência de ações mais evidentes visando ao cuidado com o mundo.

Participamos da ação de Deus em seu propósito de salvar o mundo. Amamos o cosmos e nos desenvolvemos, comunitariamente, em atividades marcadas sincronizadas e sintonizadas na dimensão do cuidado. Na mesma direção, segundo Castro,

Podemos afirmar, numa linguagem mais contextualizada, que Wesley viveu na dimensão do cuidado, palavra que em sua origem etimológica latina (co-*era* ou *cogitare*) tem o sentido de “cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e preocupação” (BOFF, 2001, p. 91). Wesley não correu o risco de incúria – falta de atenção, desleixo, negligência e inércia – diante do outro, especialmente do outro mais empobrecido (CASTRO, 2003, p. 273).

Ora, afirmamos categoricamente a necessidade de ações concretas que demonstrem essa capacidade dos seres humanos com o cuidado do planeta terra. A perspectiva do desvelo é o que o mundo necessita. Castro ainda aponta que:

O cuidado requer a compreensão da responsabilidade intransferível na tarefa de ser e na coexistência como condição existencial, nos recordando que não estamos sozinhos no mundo. É o dar-se conta de que habitamos um mundo comum e, enquanto seres, temos como tarefa o cuidar do que somos, do outro e do entorno. Ao reler os registros históricos do movimento metodista, particularmente os escritos de seu principal inspirador, John Wesley, é possível afirmar que ele viveu na dimensão do cuidado, especialmente em sua dimensão pública (CASTRO, 2003, p. 284).

No Sermão 56 – *O beneplácito de Deus por suas obras*, Wesley aponta que a obra de Deus, criada com beleza e bondade, deve ser, obrigatoriamente, contemplada e entendida pelos seres humanos (WESLEY, 2006, Sermão 56, § 1). O tom poético do Sermão nos lança a uma integração com todos os aspectos inerentes ao meio ambiente. E embora Wesley diga que todas as narrativas sobre a beleza da natureza sejam “ideias insuficientes”, ele aponta também que o mundo atual é diferente do criado no princípio. De acordo com Wesley:

O Deus Altíssimo – saiba você ou não – não o fez como ele é agora. Ele mesmo o fez melhor, inexprimivelmente melhor, do que o é no presente. Ele o fez, sem qualquer defeito. Ele o fez sem corrupção, sem destruição na criação inanimada. Ele não fez a morte na criação animal, nem seus precursores, o pecado e a dor. Se você não acreditar no seu próprio relato, acredite em seu irmão pagão. Foi apenas *post ignem aetheria domo Subdoctum...*, que o homem, em total desafio a seu Criador, comeu da árvore do conhecimento que *macies et nova febrium Terris incubit cohors* – que todo exército de males, totalmente novos, totalmente desconhecidos até então, irromperam sobre o homem rebelde e todas as criaturas, e se espalhou sobre a face da terra (WESLEY, 2006, Sermão 56, II § 1).

Ora, o mundo criado por Deus está bem diferente e maltratado. Pecado e dor, para usar aqui a linguagem wesleyana, se instalaram em nossa “casa” desafiando cotidianamente a vida. O bom mundo de Deus enfrenta a rebeldia dos seres humanos sob a lógica consumista.

Decorre dessa constatação uma urgente necessidade em participar politicamente dos segmentos sociais presentes no contexto de nossas cidades, inclusive estabelecendo eixos ideológicos marcados pela competência e sensibilidade solidária. E, nessa vertente, é imperativa uma vivência ecumênica das diferentes tradições religiosas, abrindo-se para um diálogo fértil, construtivo e com ações que levem em consideração as dimensões ecológicas na construção de um mundo justo e fraterno.

## Considerações finais

Consideramos que:

1. As grandes mutações mundiais, principalmente as de ordem econômica e tecnológica têm se constituído como grandes desafios às regras de formação e cultivo cultural entre raças, etnias, povos e nações, sistematizando o fenômeno da globalização.
2. A formação de um *ethos* mundial, usando aqui o termo de Boff, deve favorecer uma urgente percepção do ser humano em seus âmbitos emocional, afetivo, social, político, ético, todos interligados ao cuidado com o planeta, na perspectiva da Nova Criação.
3. Os valores do Evangelho tornam-se sistemáticos paradigmas para a prática de fé e vida.
4. Não há uma ruptura entre fé e ecologia; ao contrário, é preciso perceber a interação de ambas as dimensões, inclusive, nos caminhos e possibilidades teológicas que buscam a compreensão de Deus e seu relacionamento com o ser humano em um mundo ainda a ser conhecido e desvendado.

Essas preocupações estão em Boff e em Wesley, na doutrina referente à Nova Criação. Assim, os problemas da nossa casa comum precisam ser tratados com atenção. É preciso conciliar com Wesley a perspectiva da Nova Criação. Mas, a despeito dos pormenores inerentes ao meio ambiente, por certo as pistas apresentadas neste artigo podem se constituir em boas reflexões a partir da teologia wesleyana em chão latino-americano. Por certo, o Espírito busca a reconciliação do mundo com Deus e espera deste a resposta. A nova criação está sendo gerada pela ação amorosa de Deus entre os seres humanos. É possível vislumbrar o “Novo céu” e “Nova terra”. E que o povo cristão em especial reflita ao mundo a graça que recebeu e assim, ocasione uma mediação da vida de Deus a todo o contingente da criação.

### Referências bibliográficas

BOFF, L. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, 165p.

BONINO, J. M. *Hacia Uma Ecclesologia Evangelizadora*. Uma Perspectiva Wesleyana. São Bernardo do Campo: Editeo/Ciemal, 2003.

CASTRO, C. P. de. “Ecologia Urbana (eco-solidariedade)”. In: *A cidade é a minha paróquia*. São Bernardo do Campo: Editeo/Exodus, 1996, p. 77-95.

\_\_\_\_\_. “Viver na dimensão do cuidado: A relação entre santidade social e a vocação pública do metodismo”. In: *Caminhando – 300 anos de John Wesley*. São Bernardo do Campo: Editeo, vol. 8, n. 2, p. 272-286 (2003).

GONZÁLES, J. (Ed). *Obras de Wesley*. Franklin/Tennessee: Wesleyan Heritage Foundation, Providence House Publishers, 1996.

KLAIBER, W.; MARQUARDT, M. *Viver a Graça de Deus*. Um compêndio de teologia metodista. São Bernardo do Campo: Editeo/Cedro, 1999.

RUNYON, T. *A Nova Criação*. A Teologia de João Wesley Hoje. São Bernardo Campo: Editeo, 2002.

SILVA, M. “Fé cristã e meio ambiente”. In: *Missão Integral: Proclamar o Reino de Deus, vivendo o Evangelho de Cristo*. Viçosa: Ultimato/Visão Mundial, 2004, 91-100.

SOUZA, J. C. de. “Criação, Nova Criação e o método teológico na perspectiva wesleyana”. In: *Meio Ambiente e Missão – A responsabilidade Ecológica das Igrejas*. São Bernardo do Campo: Editeo/Umesp, 2003, p. 67-88.

SUZIN, L. C. *Assim na terra como no céu*. Brevilóquio sobre Escatologia e Criação. Petrópolis: Vozes, 1991.

VVAA. 300 anos de João Wesley. *Revista Caminhando*, vol. 8, n. 2 [antigo n. 12]. São Bernardo do Campo: Editeo, 2003.

VVAA. *Meio Ambiente e Missão: A responsabilidade Ecológica das Igrejas*. São Bernardo do Campo: Editeo/Umesp, 2003.

VVAA. *Teologia e prática na tradição wesleyana*. Uma leitura a partir da América Latina e Caribe. São Bernardo do Campo: Editeo, 2005.

WESLEY, J. *As Marcas de um Metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, s/d.

\_\_\_\_\_. *Explicação clara sobre a perfeição cristã*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1984.

\_\_\_\_\_. *Sermões de Wesley*: Texto em inglês com duas traduções em português. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006. CD-Rom.

\_\_\_\_\_. *Sermões*. São Paulo: Imprensa Metodista, vol. 1, 1953.

\_\_\_\_\_. *Sermões*. São Paulo: Imprensa Metodista, vol. 2, 1954.

WILLIAMS, C. W. *La Teologia de Juan Wesley. Una Investigacion Histórica*. San José: Costa Rica, 1989.